

Representações sociais entre cuidadores informais de idosos: uma análise psicossocial da velhice LGBT

Social representations among informal caregivers of older adults: a psychosocial analysis of LGBT aging

Ana Gabriela Aguiar Trévia Salgado¹, Daniele de Carvalho Almirante¹, Evair Mendes da Silva Sousa¹, Igor Eduardo de Lima Bezerra¹, Ludgleydson Fernandes de Araújo¹, Maria Fernanda Lima Silva¹ e Mateus Egilson da Silva Alves¹✉



RBCEH

Revista Brasileira de Ciências
do Envelhecimento Humano

O presente trabalho objetivou identificar as representações sociais de cuidadores informais de idosos sobre a temática velhice LGBT. A amostra foi composta por 60 participantes, sendo 91,7% do sexo feminino, com média de idade de 42,25±15,28 anos. A pesquisa foi elucidada com base na teoria das representações sociais. Aplicou-se o Teste de Associação Livre de Palavras, a partir da palavra indutora “velhice LGBT”. A hipótese inicial formulada nesse trabalho é a de que a representação da velhice homossexual, quando vista pelo viés de construção social, reflete uma composição de ideais negativos induzido pela consciência coletiva fortemente caracterizada com a noção errônea de que a velhice se configura apenas como preparo para o fim da vida. Em concordância, os resultados evidenciaram que estigmas negativos atrelado ao duplo preconceito estão presentes na conceptualização da velhice entre indivíduos homossexuais. Entretanto, a associação de crenças religiosas bem como atributos positivos também é relacionada ao envelhecimento por meio de evocações como respeito, afeto e cuidados. Estima-se que estudos que versam sobre as possibilidades de vivenciar o envelhecimento com qualidade de vida poderão transformar o campo representacional das “velhices”, suavizando a sua bagagem negativa.

Psicogerontologia. Qualidade de vida. Envelhecimento. Idosos LGBT.

The present study aimed to identify the social representations of informal caregivers of older adults regarding the theme of LGBT aging. The sample consisted of 60 participants, with 91.7% being female, and a mean age of 42.25±15.28 years. The research was guided by the theory of social representations. The Free Word Association Test was administered using the stimulus word "LGBT aging." The initial hypothesis formulated in this study is that the representation of homosexual aging when viewed through the lens of social construction, reflects a composition of negative ideals induced by a collective consciousness strongly characterized by the mistaken notion that old age is solely a preparation for the end of life. In line with this, the results revealed that negative stigmas associated with double prejudice are present in the conceptualization of aging among homosexual individuals. However, the association of religious beliefs, as well as positive attributes, is also related to aging through evocations of respect, affection, and care. It is estimated that studies focusing on the possibilities of experiencing aging with quality of life can transform the representational field of "old ages," softening its negative baggage.

Psych gerontology. Quality of life. Aging. LGBT elderly.

Introdução

O despontar da nova era implica uma inversão nos marcadores da pirâmide etária, a qual apresenta considerável redução nos números que caracterizam a população jovem, sendo uma consequência da redução na taxa de fecundidade, enquanto o aumento significativo da população idosa está relacionado aos avanços tecnológicos na área da saúde, hábitos de vida saudáveis, maior acesso aos sistemas de saúde, melhoria nos cuidados, dentre outros fatores (ARAÚJO; SILVA, 2017; GUTHS et al., 2017). Segundo a Lei n. 10.741 do Estatuto do Idoso, são classificados como população idosa pessoas com idade cronológica igual ou superior aos 60 anos (BRASIL, 2003; NERI, 2008). De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), em 2015 a taxa da população idosa era equivalente a 14,3% e as estimativas apontaram que até 2030 essa taxa seria aproximadamente de 18,62% (IBGE, 2015).

Ao tratar de um país com alto número de pessoas envelhecidas, busca-se também compreender o processo de envelhecimento e suas particularidades, que condiz a um fenômeno biológico com alterações fisiológicas, funcionais e mentais, as quais segundo Mantovani (2007) podem ocorrer por meio de dois processos distintos: senescência e senilidade. Para este autor, o envelhecimento fisiológico do organismo, que ocorre de forma natural com alterações orgânicas esperadas para essa fase, ou seja, o envelhecer saudável, é nomeado de senescência. Entretanto, o processo de envelhecer que manifesta perda da capacidade funcional, bem como aquisição de patologias que prejudicam a realização das atividades diárias da pessoa idosa e sua qualidade de vida (QV) é caracterizado como senilidade.

Neste sentido, Zem-Mascarenhas (2006) ressalta que a manifestação de doenças crônicas e degenerativas inclui a presença de cuidadores no cotidiano dos idosos, tornando-os dependentes de auxílio para a execução de atividades básicas como uso de medicamentos, higienização, alimentação, entre outras. Desse modo, a autora supracitada apresenta o perfil de cuidador informal familiar como alguém que por possuir algum grau de parentesco atribui para si as responsabilidades da manutenção de vida do idoso, mesmo sem preparo em cursos de formação específica, nem remunerações estimadas. Assim, o cuidado vai sendo moldado conforme a vivência e as necessidades de cada idoso, tendo em vista o cuidado físico (limpeza, alimentação, vestimentas etc.) e socioemocional (conversar, ouvir, ser companhia, dar apoio, etc.).

Diante da dinâmica social do idoso, a sexualidade não é uma temática frequentemente abordada na velhice. Acredita-se que essa percepção possa estar vinculada aos casos de velhices com diagnósticos de perdas de capacidades físicas, sensoriais e neurológicas (POCINHO et al., 2017). No entanto, a literatura especializada aponta a sexualidade como um dos aspectos primordiais do ser humano, pois esta vai muito além do ato sexual propriamente dito, ao envolver papéis de gênero, prazer, orientação sexual, identidade, intimidade e reprodução (ARAÚJO, 2016; SALGADO et al., 2017; SANTOS et al., 2018).

Entretanto, direcionar o foco para a sexualidade na velhice torna necessário pensar nos tipos de relações sexuais possíveis nesta fase e em seus protagonistas. A invisibilidade de idosos declarados como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) tem como alicerce estereótipos que classificam os idosos como sujeitos com

sexualidade inativa (SANTOS, et al., 2018), bem como a convicção de psicogerontólogos que, acreditam ser a velhice um período muito avançado para os mais velhos expressarem outra orientação sexual além da heteronormativas (SALGADO et al., 2017).

Neste sentido, Alves et al. (2020) corrobora com o exposto ao afirmar que as pesquisas na área do envelhecimento, embora em pequenas quantidades, vêm se voltando para grupos minoritários compostos por pessoas idosas gays e lésbicas, além de bissexuais, travestis e transexuais, categorizados em um grupo especificamente nomeado de 'gerontologia LGBT' ou 'idosos LGBT'. Com isso, percebe-se que este público vem ganhando visibilidade na área da saúde bem como nas ciências humanas e sociais.

Sob a visão dinâmica de Silva e Araújo (2020), enfatiza-se que a sexualidade tal como a velhice é uma realidade heterogênea, multideterminada e dinâmica, ambas vivenciadas de forma singular por cada indivíduo em fase de envelhecimento. Logo, a velhice caracteriza-se como um fenômeno social, próprio e subjetivo, enquanto a sexualidade direciona-se a padrões de relacionamento afetivo, sexual e conjugal estabelecidos por seus protagonistas. No tocante a isso, pesquisas estimam que o número de idosos LGBT tendem a aumentar nos próximos anos (ARAÚJO, 2016). Em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística identificou a proporção de 58 mil casais homoafetivos vivendo juntos, apresentando pela primeira vez uma parte dessa população em números (IBGE, 2010).

Cabe enfatizar que a categoria composta por pessoas idosas LGBT tem pouca visibilidade entre pesquisadores da Geriatria e da Gerontologia, como forma de chamar a atenção para a realidade social na qual esses sujeitos se encontram (ARAÚJO; FERNÁNDEZ-ROUCO, 2016). Diante desse cenário, observa-se que as barreiras que impossibilitam o contato com profissionais de saúde, educadores, familiares, governantes ou quaisquer órgãos de assistência social são extensas e delimitam o acesso aos serviços sociais e de saúde devido ao preconceito e despreparo dos profissionais dessas áreas. Ademais, apesar da gradual expansão no campo de pesquisas sobre a temática envelhecimento, poucos são os estudos referentes a velhice LGBT, sendo as ciências sociais, principalmente a psicologia, grande responsável pela exploração, articulação e análises desse grupo em seu processo de envelhecimento (SILVA; ARAÚJO, 2020).

Com efeito, acredita-se que conhecer as representações da velhice LGBT entre cuidadores informais de idosos sob a visão da Teoria das Representações Sociais é uma maneira de enfatizar as imagens construídas sobre idosos homossexuais que anseiam por práticas saudáveis e prazerosas, a exemplo o ato sexual, bem como a cultura e os aspectos sociodemográficos impactam as representações dessa população. Sob a perspectiva da Teoria das Representações Sociais (TRS) surge o interesse por indagações pertinentes ao conhecimento do senso comum, como este funciona e como o saber científico age. Esta teoria construída por Serge Moscovici, na década de 1960, apresenta a existência de dois universos de pensamento, sendo o primeiro nomeado de universos reificados, pois neste se faz presente a objetividade acompanhada de rigor lógico- metodológico e de uma teorização abstrata que definem as ciências e o pensamento indubitável; já o segundo é nomeado de universos consensuais, local onde as representações sociais (RS) encontram-se

configuradas por atividades intelectuais provenientes da interação social do cotidiano (CASTRO, 2020).

Dentro do vasto campo das RS encontram-se diversas abordagens com finalidades específicas para o seu desenvolvimento. Soma-se a isto, a abordagem sociogenética cuja se faz conhecida por possuir um caráter construtivo que enaltece a formação de significados sociais e que estuda as práticas de transformação das RS tendo em vista a funcionalidade desta, quando necessário instruir a ação e comunicação (MORERA et al., 2015). Tal abordagem relaciona-se aos trabalhos de Jodelet (2016) e Moscovici (2009), voltando-se para o fenômeno das RS e nos processos referentes a formação do mesmo, amparado em três critérios ou “três ordens de fenômenos, a dispersão da informação, o foco e a pressão à inferência” (RIBEIRO; ANTUNES-ROCHA, 2016, p. 408).

Com efeito, Moscovici (2009) apresenta dois principais processos formadores das RS: a Ancoragem e a Objetivação. Para ele, o primeiro processo implica na classificação e nomeação de objetos, pessoas e ações; enquanto o segundo possibilita a materialização de ideias ou conceitos em imagens. Ademais, para Jodelet (2016), as RS caracterizam-se como atividade mental individual ou social seguido da sua produção final. Conforme esta autora, o caráter simbólico da representação se constitui a partir do vínculo entre o sujeito e o objeto substituído, concedido a partir da produção de grupos sociais que compõem tal sociedade (LOCATELLI, 2017). Entende-se que as RS formam uma rede de imagens e conceitos desenvolvidas por sujeitos e grupos que ao interagirem entre si, faz com que o conteúdo criado em seu universo evolua continuamente por meio do tempo e espaço onde ocorrem comunicações permanentes (CARVALHO; ARRUDA, 2008; JODELET, 2016).

Entretanto, diferente da abordagem sociogenética que mantém seu foco nas representações em formação, existe a abordagem estrutural a qual se atenta nas representações estabilizadas (CASTRO, 2020). Sob esta perspectiva, a abordagem estrutural também conhecida por teoria do núcleo central foi elaborada por Jean-Claude Abric no intuito de compreender as RS como arranjos de conhecimento sobre temáticas da vida social, compartilhadas por grupos constituídos a partir da conexão de elementos cognitivos (CASTRO, 2020; MENDONÇA; LIMA, 2014; SÁ, 1996). Esta abordagem se baseia na ideia de que toda RS é formada por um duplo sistema de informações, crenças ou opiniões, caracterizando a representação social como um conjunto de elementos cognitivos básicos que fornecem significado a um objeto presente no dia a dia (WOLTER et al., 2016), além de configurá-la como um sistema hierarquizado e organizado em dois subsistemas sendo um central e um periférico (CASTRO, 2020).

O presente estudo busca conhecer as representações sociais da velhice LGBT entre pessoas adultas que realizam o cuidado informal com idosos, por meio da consciência coletiva presente no atual contexto em que estão inseridos. Portanto, este estudo objetiva analisar a hipótese de que a representação da velhice LGBT quando vista pelo viés de construção social, reflete uma composição de ideais negativos induzido pela consciência coletiva fortemente caracterizada com a noção errônea de que a velhice se configura apenas como preparo para o fim da vida, partindo da necessidade de verificar tanto

características sociodemográficas como as concepções da velhice LGBT adquiridas ao longo de vida.

Materiais e método

O presente artigo trata de uma pesquisa exploratória e descritiva que se utiliza de dados transversais. Yin (2015) caracteriza como estudo descritivo exploratório aquele que traça uma sequência de eventos ao longo de um período, cujo objetivo é descrever um determinado fenômeno dentro de uma realidade singular. Para este autor, o estudo de caso é uma ferramenta eficaz na construção de pesquisa social que busca estudar o fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto social, principalmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são evidentes. Com isso, o estudo baseia-se em diversas fontes de evidências e utiliza-se de proposições teóricas ao conduzir a coleta e análise de dados.

Este estudo contou com a participação de 60 cuidadores informais de idosos no estado do Piauí. Com isso, 91,7% da amostra era do sexo feminino, com idades que variam entre 18 e 75 anos de idade, apresentando uma média de 42,25 anos (DP=15,277). Os critérios de inclusão foram: idade igual ou superior a 18 anos; participar de forma voluntária e anônima da pesquisa; não possuir nenhum transtorno cognitivo e/ou psicológico; não receber salário fixo ou ter carteira de trabalho assinada para exercer o ato do cuidar. Ademais, ressalta-se que o cuidador não necessariamente possui algum grau de parentesco com o idoso.

O presente projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Piauí com parecer nº 1.755.790. Fora assegurado o acesso dos participantes ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com informações sobre o objetivo do estudo, suas implicações e possíveis riscos, conforme orientações de proposições e resoluções que delimitam o trabalho em pesquisa da Bioética, visando a autonomia, não maleficência, beneficência e justiça (BORGES et al., 2013). Desse modo, obteve-se as devidas autorizações para a coleta de dados com o público-alvo, ressaltando a presença do sigilo no tocante às informações de dados pessoais e de possíveis afirmações comprometedoras durante o preenchimento dos instrumentos.

Na composição do instrumento, por criação dos próprios autores para a realização do estudo, criou-se: questionário sociodemográfico com dados referentes a sexo, idade, estado civil, renda mensal, religiosidade, orientação sexual, grau de parentesco, tempo de cuidado e se o mesmo conhece algum idoso LGBT para a caracterização da amostra; o TALP (Técnica de Associação Livre de Palavras) a partir da palavra indutora “Velhice LGBT”, buscando compreender as percepções dos participantes sobre velhice relacionada as diferentes formas de sexualidade.

A aplicação dos questionários ocorreu tanto oralmente, pelos próprios autores, principalmente nos casos em que o entrevistado não era alfabetizado sendo total responsabilidade do pesquisador o registro das informações, bem como por escrito pelo próprio participante. A participação era estritamente voluntária, não havendo incentivos para o participante. Apesar de não haver estipulação de tempo para o preenchimento dos itens do questionário, verificou-se uma média de 30min na realização de cada aplicação, com a presença do pesquisador para o esclarecimento de possíveis dúvidas que viesse a surgir no decorrer da pesquisa.

Os dados sociodemográficos foram analisados no software SPSS for Windows versão 21 que fornece estatísticas descritivas, por meio do programa IBM SPSS 20 no intuito de caracterizar a amostra. Os dados referentes ao Teste de Associação Livre de Palavras (TALP) foram processados com o auxílio do software IRAMUTEQ, utilizando-se da análise prototípica como ferramenta metodológica, visando calcular as frequências e a Ordem Média de Evocação (OME) da palavra-estímulo velhice LGBT.

Segundo Sá (1996), a análise prototípica é uma técnica desenvolvida especialmente pelo campo das representações sociais, que visa facilidade e eficácia nos estudos dessa área. Tal técnica objetiva identificar a estrutura representacional por meio dos critérios de frequência e ordem de evocação das palavras oriundas de associações livres (WACHELKE; WOLTER, 2011). Criou-se um banco de dados que foi importado para o IRAMUTEQ, que a partir do software R é capaz de realizar análises lexicais. Obteve-se como resultado da análise prototípica a produção de gráficos a partir das frequências das palavras evocadas e de suas ordens de evocações. O gráfico se divide em quatro quadrantes sendo o primeiro de núcleo central, o segundo a primeira periferia, o terceiro é zona de contraste e o quarto é a segunda periferia (CASTRO et al., 2019; NATIVIDADE; CAMARGO, 2012).

Resultados

A Tabela 1 apresenta o perfil sociodemográfico da amostra conforme o vínculo com o idoso, estado civil do cuidador, religiosidade, orientação sexual e renda sexual.

Tabela 1 | Caracterização do perfil sociodemográfico da amostra.

Perfil sociodemográfico	%
Vínculo	
Filho(a)	50,0
Neto (a)	30,0
Sobrinho(a)	8,3
Esposa	5,0
Amigo(a)	3,3
Marido	1,7
Estado civil	
Solteiro(a)	38,3
Casado(a)	36,7
Viúvo(a)	13,3
Divorciado(a)	5,0
Namorando	5,0
União estável	1,7
Religiosidade	
Católico	56,7
Evangélico	31,7
Sem religião	6,7
Espírita	3,3
Testemunha de Jeová	1,7
Orientação sexual	
Heterossexual	98,3
Bissexual	1,7
Renda mensal	
Menos de 1 S.M.	56,7
1 e 2 S.M.	30,0
2 e 3 S.M.	8,3
4 S.M.	5,0

Nota: S.M. – salário-mínimo. Fonte: autoria própria.

No tocante ao tempo de cuidado exercido pelo cuidador informal, calcula-se em tempo mínimo de 1 mês e máximo de 30 anos, com média de aproximadamente 7,3 anos de cuidado. Por fim, 91,7% afirmaram não conhecer idosos declarados como LGBT, enquanto 8,3% afirmaram conhecer, porém não possuíam nenhum tipo de vínculo.

A palavra-estímulo velhice LGBT obteve 299 evocações, considerando os casos omissos, e uma média geral de frequências de 2,75 (frequência média das evocações). As evocações foram agrupadas conforme critérios semânticos (sinonímia). A frequência mínima considerada para inclusão das palavras nos quadrantes foi baseada no padrão automático do programa IRAMUTEQ, com base em estudo prévio na literatura de Camargo e Justo (2013), sendo definido o limite 2 para a frequência de evocações da amostra. A respeito das delimitações dos pontos de corte para as coordenadas dos quadrantes, foi empregado o critério da média das ordens de evocação. Desse modo, palavras com ordem média de evocação inferiores a 2,75 foram classificadas como tendo baixa ordem de evocação, tendo em vista que a frequência deve ser $\geq 4,61$ (Tabela 2).

Tabela 2 | Zona central e primeira periferia das representações sociais sobre velhice LGBT (frequência $\geq 4,61$).

Zona central OME $\leq 2,75$			Primeira periferia OME $> 2,75$		
Palavra	f	OME	Palavra	f	OME
Respeito	23	1,8	Errado	15	2,9
Amor	13	2,3	Carinho	10	4,0
Feio	10	2,4	Desconhecimento	9	3,0
Não é de Deus	7	2,1	Preconceito	8	3,1
Escolha	7	2,4	Aceitação	6	2,8
Inédito	6	2,7	Direitos	5	3,2
Estranho	6	2,7	Cuidados	5	3,8

Nota: f – Frequência. Fonte: autoria própria.

No primeiro quadrante (superior esquerdo) encontram-se as palavras que apresentaram alta frequência (uma frequência maior que a média 2,75) e baixa ordem de evocação, ou seja, as quais foram prontamente evocadas. Assim, as palavras que provavelmente se referem a elementos centrais da representação social sobre Velhice LGBT são principalmente “respeito” com alta frequência e baixa ordem de evocação ($f=23$; $OME=1,8$), logo apresentam-se as palavras amor, feio, não é de Deus, escolha, inédito e estranho, todas com ordens médias de evocação inferiores ou igual a 2,75.

Já no segundo quadrante (superior direito), encontram-se os elementos errado, carinho, desconhecimento, preconceito, aceitação, direitos e cuidados, todos com OME maior que 2,75. No tocante ao elemento “errado”, apesar de não estar na zona do núcleo central por ter uma ordem de evocação mais elevada, também deve ser melhor analisado em pesquisas futuras por ter apresentado alta frequência ($f=15$; $OME=2,9$), a mesma observação também se aplica para os elementos: carinho ($f=10$), desconhecimento ($f=9$), preconceito ($f=8$). Com isso, percebe-se que apesar das atitudes humanizadas manifestada por indivíduos dessa categoria, as representações subjetivas de cada um permanecem inflexíveis, apontando a homossexualidade como algo errado, ainda que reconhecendo

a importância de se respeitar os direitos de algo tão pouco conhecido, bem como admitindo a existência do preconceito.

Além disso, é importante apontar elementos que se encontram na zona de contraste e se destacam por sua negatividade, tais como rejeição, discordar, ruim, desrespeito e desamparo. Estes elementos possuem baixa ordem de evocação ($OME < 2,75$), o que indica que foram palavras prontamente evocadas, porém sua frequência não foi alta o bastante para estarem no quadrante de núcleo central. Com isso, no quarto e último quadrante verifica-se palavras que apontam a temática como inédita, representada pelos elementos: contemporâneo, diferente, desinformação. Todavia, também se percebe expressões pertinentes à realidade de alguns indivíduos que vivenciam a velhice LGBT, tais como lutas e abandono (Tabela 3).

A partir dos dados elencados, percebe-se que os participantes representam a velhice LGBT a partir de crenças religiosas sob a necessidade de valorização do ser humano, ao mesmo tempo em que expressam uma deseabilidade social mesmo quando demonstram sua perspectiva negativa em relação a orientação sexual estudada. Portanto, associa-se o esteticamente feio e moralmente errado por se opor aos ensinamentos religiosos e pela crença de que isto não pertence a Deus. Contudo, percebe-se o quanto variado são as RS da velhice LGBT construídas por esse público, variando desde sentimentos de aceitação às concepções negativas e aspectos religiosos/espirituais (Tabela 3).

Tabela 2 | Zona de contraste e segunda periferia das representações sociais sobre velhice LGBT (frequência < 4,61).

Zona de contraste $OME \leq 2,75$			Segunda periferia $OME > 2,75$		
Palavra	f	OME	Palavra	f	OME
Rejeição	4	2,5	Contemporâneo	4	3,5
Discordar	3	1,7	Afeto	4	3,5
Compreensão	3	2,7	Diferente	3	3,3
Ruim	2	1,5	Vontade	3	3,7
Desrespeito	2	1,5	Lutas	2	3,0
Raro	2	1,0	Desinformação	2	3,0
Desamparo	2	1,5	Abandono	2	3,5

Nota: f – Frequência. Fonte: autoria própria.

Ademais, nota-se dentro desse viés a presença de justificativas que versam com pilares da Biologia Essencialista atrelados ao ideal de Moralidade. Rex (2016) apresenta o conceito essencialista como algo fixo cujo traço é difícil de ser alterado durante o seu desenvolvimento, demonstrando insensibilidade às influências externas a ele, a exemplo o ambiente. Ou seja, é típico daquele organismo possuir características comuns a outros organismos para que possa ser considerado normal, sem ser afetado por características peculiares de uma minoria anormal. Todavia, o conceito essencialista tornou-se incompatível com a moderna biologia evolutiva.

No que concerne a concepção moralista, o autor supracitado torna explícito a compreensão de que fazer julgamentos morais é característica típica dos seres humanos. Em concordância, Ayala (2010) justifica que a moralidade se desenvolve sem instrução formal muito menos tentativas deliberadas, tendo em vista que a existência daquela é vista

como real em todas as sociedades humanas conhecidas e praticada por todo indivíduo.

Discussão

Por meio da análise e interpretação dos resultados obtidos na pesquisa, percebe-se que muitos estereótipos negativos do envelhecimento e da velhice LGBT, de modo geral, são compatíveis com resultados de estudos anteriores a este. Também é notório a prevalência do senso comum nas representações dos cuidadores informais, confirmando a presença do universo consensual, no qual as representações sociais partem de noções e conceitos de um indivíduo ou grupo. Desse modo, serão discutidos os quatro quadrantes que contêm o conteúdo da pesquisa.

Os dados obtidos na zona central das RS sobre a velhice LGBT variam entre termos que demonstram o preconceito atrelado a crenças religiosas e termos que qualificam um certo anseio por aprovação social. Com isso, a predominância de noções religiosas nas narrativas dos cuidadores pode ser justificada pelo alto percentual de 56,7% católicos da amostra, enquanto apenas 6,7% manifestaram não possuir religião. Além disso, nota-se que o fator religioso está diretamente relacionado com a percepção moralista da sociedade, evento que se manifesta desde gerações anteriores a atual.

Destarte, apesar de o Brasil ser um país laico, há prevalência de ensinamentos cristãos regendo a sociedade patriarcal e tradicional desde a doutrinação da Igreja Católica, que caracteriza a homossexualidade como algo pecaminoso, não pertencente a boa vontade de Deus, tendo como consequência o julgamento da homossexualidade como uma invenção da atual sociedade, alegando que a mesma não existia em seu tempo de infância ou juventude. Tais afirmações refletem a não aceitação e o preconceito advindo de crenças moralistas, tradicionalistas e religiosas (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2017; SANTOS et al., 2018).

Sob a perspectiva moralista, Rex (2016) pontua que qualquer indivíduo quando se utiliza da noção moralista busca basear-se nas definições de potência e normalidade, tendo em vista a ausência de um conjunto com propriedades distintivas e universais. Desse modo, tais conceitos não bastam para consolidar a visão essencialista. Em consonância com o exposto, Stotz (2010) afirma que é preciso abandonar a ideia de que cada indivíduo possui a mesma essência interna que o torna semelhante a todos de sua espécie, para que então se possa alcançar o atual nível do saber científico. Ademais, em relação a alta evocação do termo “respeito” seguido das palavras amor e escolha, verifica-se a possibilidade de estes refletirem a necessidade de aprovação ou aceitação incondicional enquanto pessoas.

O enviesamento de respostas pode surgir em situações que envolva características pessoais, bem como a depender do contexto em que os instrumentos de avaliação são aplicados, tornando-se evidentes quando os indivíduos se referem a suas atitudes pessoais, de comportamentos ou a traços de personalidade. Neste quadrante, a contradição é perceptível ao analisar colocações referentes a imagem de homossexuais

como feio, como algo não pertencente a Deus e até mesmo inédito ou estranho (ALMIRO, 2017).

Segundo Vieira, Coutinho e Saraiva (2016), a maneira como percebemos e compreendemos o contexto em que vivemos é responsável pela construção dos nossos conhecimentos e pelos modos de interpretações que utilizamos para observar/analisar o meio social. Ademais, Chonody e colaboradores (2014) afirmam que quanto menor o contato com sujeitos idosos homossexuais maior será a probabilidade de atitudes preconceituosas, por isso é de suma importância as relações intergeracionais, para que então ocorra o compartilhamento de atitudes menos estigmatizadas, sendo o contato diário e íntimo entre cuidador e idoso uma forma de construir uma relação afetuosa e sem preconceitos.

Sobre os elementos da zona de contraste, observa-se que estes representam o contrário do que muitos idosos homossexuais pensam sobre a velhice e a homossexualidade em suas particularidades, corroborando, em partes, com o conteúdo negativo dos outros quadrantes. Assim, termos como rejeição, discordar, ruim, desrespeito, raro e desamparo são totalmente o oposto da compreensão também manifesta nessa área.

Os autores Daniel, Antunes e Amaral (2015) explicam que comumente pessoas mais jovens tendem a representar a velhice de forma negativa, justificado pela tendência que grupos sociais, principalmente de gerações diferentes, se representarem de forma supérflua. Diante disso, entende-se que as relações intergeracionais se mostram importantes tanto para a construção de vínculo quanto para conhecer as possibilidades de experiências pertinentes em ambas as fases sem prender-se aos tabus e estereótipos que padroniza a sociedade.

Em um estudo de representações sociais sobre sexualidade de idosos, realizado com 30 idosos, em uma UBS de Maracanaú/CE, Brasil, encontrou-se no núcleo central dos resultados os termos amor, carinho e respeito, enquanto sexo, companheirismo, compreensão e convivência configuraram a zona periférica. Com isso observa-se que apenas aspectos positivos foram elucidados por parte dos idosos, o que nem sempre é encontrado em pesquisas com essa temática (QUEIROZ, 2015).

Acrescenta-se que a homossexualidade não é um constructo elaborado socialmente, pois sua manifestação já perpassa muitas gerações desde princípios bíblicos. No entanto, o foco das respostas obtidas nas entrevistas é regido por questões sociais que versam sobre a velhice LGBT como algo estranho, desconhecido, novo, contemporâneo e caracterizado como algo esteticamente feio (CERQUEIRA-SANTOS et al., 2017). Lemos (2015) justifica o argumento supracitado quando afirma em sua narrativa que a dissociação de velhice da homossexualidade já é algo enredado e, quando ambos são apresentados de forma conjunta os resultados são dúvidas e inquietações.

A atual pesquisa caracteriza 98,3% dos participantes como heterossexuais. Embora esse dado não justifique, percebe-se o quão centralizadas as respostas estão em um discurso moralista tendenciado pela deseabilidade social. Todavia, acredita-se que refletir sobre a existência do preconceito sexual, atitudes

negativas e estereótipos configurados por crenças moralistas, tradicionalistas e religiosas é o primeiro passo para a construção de políticas de prevenção e proteção à população LGBT (SANTOS et al., 2018).

A deseabilidade social caracteriza-se como um dos tipos de enviesamento de respostas, sendo considerada uma tendência interna aos sujeitos de atribuírem a si próprios atitudes ou comportamentos atrelados a valores socialmente desejáveis, enquanto rejeitam em si próprios atitudes ou comportamentos atrelados a valores socialmente indesejáveis (ALMIRO, 2017). Desse modo, entende-se que por influência do contexto e/ou dos traços de personalidade, alguns indivíduos sucumbem a responder o que lhe é solicitado em questionários, ou em outros instrumentos de pesquisa, o que julgam ser mais adequado ou aceitável, satisfazendo assim sua necessidade de aprovação social, de modo a apresentarem comportamentos condizentes com valores e normas de sua cultura.

Por fim, na segunda periferia estão presentes as representações de maior OME, que convergem, em partes, com a concepção da maior parte de estudos feitos com idosos de modo geral, representadas pelos termos: contemporâneo, diferente, vontade, afeto. Para Camargo et al. (2014), os idosos tendem a ver a velhice sob uma óptica mais positiva por acreditar que as experiências adquiridas ao longo dos anos os concederam sabedoria, relações interpessoais e familiares, habilidades no mercado de trabalho adjunta de um sentimento de utilidade que faz da chegada na velhice algo exitoso.

Em concordância ao exposto, uma pesquisa referente as representações sociais de cuidadoras informais de idosos sobre qualidade de vida, realizado com 91 cuidadoras, de idades entre 18 e 90 anos, no município de São Luís/MA, verificou-se que saúde, dinheiro, alimentação e família são os elementos essenciais nas representações dessas cuidadoras. Todavia, as palavras tranquilidade, educação, lazer, amor e descanso são elementos de menor significância para estas. Desse modo, a pesquisadora concluiu que foi possível conhecer as representações sociais dessas cuidadoras sobre a qualidade de vida, bem como reconheceu as lacunas entre o que seria imprescindível para o bem-estar e quais elementos causam carência no cotidiano dos idosos (ALMEIDA, 2014).

Com base nos autores Gaglietti e Barbosa (2007), não há um momento exato para iniciar o marco da velhice. Segundo estes, o papel da gerontologia é descrever o processo pelo qual os diferentes segmentos sociais versam entre si, logo, classificam socialmente e culturalmente os indivíduos como velhos. Neste íterim, sob um panorama mais extenso que justifica o exposto anteriormente, Araújo e Carlos (2018) explicam a sexualidade como um elemento embasado de sentido e significado que busca o bem-estar emocional, a autoestima e uma relação íntima benéfica, não somente como meio de satisfação das questões fisiológicas, pois seus efeitos potencializadores na velhice colaboram para a QV do sujeito idoso.

Portanto, reforça-se que apesar da conquista de espaço nas últimas décadas, tal temática ainda é pouco discutida e até mesmo conhecida, principalmente nas sociedades mais tradicionais (SANTOS et al., 2018), visto que o marco de lutas

e conquistas pela comunidade LGBT é considerado recente e não existe lei ou decreto que assegure a integridade dessa comunidade contra atos desumanos e diversas formas de violência (GRUPO GAY DA BAHIA, 2017). Além disso, o conteúdo desse quadrante também expressa estigmas da velhice que a caracterizam como uma fase solitária, de abandono e desprezo da família, apresentando-os como únicas alternativas possíveis para esses sujeitos, além de ter que lidar com as alterações psicomotoras (SALGADO et al., 2017).

Sob a dinâmica da teoria do núcleo central “a organização de uma representação expõe sua modalidade particular e específica, na qual seus elementos hierarquizados giram em torno do núcleo central, constituído por um ou vários elementos que produzem a significação nessa representação” (MORERA et al., 2015, p. 1.162). Neste sentido, entende-se que o núcleo central (primeiro quadrante) enfatizado como estável, coerente e consensual é criado como um subconjunto da RS, constituído por um ou mais elementos (evocações), de modo que sua ausência exoneraria a estrutura representada ou lhe concederia uma significação equivocada (SÁ, 1996); visto que alguns elementos são imprescindíveis para o reconhecimento e o pensamento sobre o objeto, pois sem tais elementos o todo não seria aceitável para o grupo social (WOLTER et al., 2016).

Os resultados prontamente apresentados corroboram com estudos anteriormente realizados sobre a temática velhice LGBT, tendo em vista que as variações das palavras evocadas versam os modos de pensar sobre o mesmo objeto de diferentes indivíduos que exercem funções semelhantes, dentro de uma mesma categoria. Portanto, enfatizar que, majoritariamente, os cuidadores são de pequenas cidades com perfil de filhos (as), solteiros (as), com renda mensal de 1 salário-mínimo e que tem como principal fonte de apoio a Igreja e a comunidade, justifica os achados da pesquisa e o quão estes corroboram com estudos precedentes a este, além de instigar a necessidade de mais estudos nesse campo.

Salienta-se que aspectos socioeconômicos também refletem no modo de pensar das pessoas e na aceitação que as mesmas apresentam sobre a homossexualidade, sendo possível ver através de estudos, como também em notícias disseminadas nos meios midiáticos a realidade na qual um homossexual pobre é sucumbido, que se faz totalmente paralela a de um homossexual rico, enfatizando a noção de que a qualidade de vida para estes indivíduos só é assegurada quando os mesmos possuem condições financeiras, do contrário a vulnerabilidade que cerca essa população está presente desde a ausência de apoio da família e se estende por vários âmbitos como: dificuldade no acesso ao sistema de saúde, escassez de políticas públicas, escassez de programas assistenciais do governo, falta de oportunidades dignas de trabalho que supram suas necessidades e ambições (SALGADO et al., 2017; SANTOS et al., 2018).

A temática de envelhecimento e velhice com ênfase nos aspectos biológicos, psicológicos, econômicos e sociais passaram a ser estudados na literatura científica recentemente. No entanto, percebe-se que ainda há muito para se explicar sobre as transformações ocorridas nessa fase, principalmente por atualmente vivenciarmos o crescente aumento de uma

população que possui particularidades e diferentes formas de viver a velhice. Por isso, torna-se imprescindível atentar-se para as condições que são dadas ao indivíduo idoso antes de categorizá-lo erroneamente por parâmetros que não condizem com sua realidade (FERNANDES; ANDRADE, 2016).

Contudo, os resultados evidenciaram que estigmas negativos atrelados ao duplo preconceito estão presentes na conceitualização da velhice entre indivíduos homossexuais. Entretanto, a associação de crenças religiosas bem como atributos positivos também é relacionada ao envelhecimento por meio de evocações como respeito, afeto e cuidados. Assim, estima-se que estudos que versam sobre as possibilidades de vivenciar o envelhecimento com qualidade de vida poderão transformar o campo representacional das velhices suavizando a sua bagagem negativa.

Conclusão

No campo de pesquisas científicas já existe o consenso de que o envelhecimento é um fator irreduzível no mundo contemporâneo, por isso deve-se pensar no processo de envelhecer do ser humano e em suas particularidades, principalmente daqueles que vivenciam sua velhice com carência de atenção e invisibilidade. Dentro desse panorama, a presente pesquisa versou as representações sociais de cuidadores informais de idosos sobre a temática velhice LGBT a partir de uma análise psicossocial.

Ao adentrar no cotidiano de cuidadores informais de idosos, observou-se que a temática velhice LGBT não faz parte do cotidiano dessas pessoas devido a noção de que idosos não possuem práticas sexuais e quando são estimulados a imaginar tal possibilidade os resultados geram dúvidas e inquietações. Todavia, negligenciar o fato de que a homossexualidade faz parte da vida de muitos idosos é como compactuar contra o bem-estar e a qualidade de vida proporcionadas apenas quando o sujeito é aceito em sua subjetividade.

Dentre os principais desafios desse trabalho, destaca-se a falta de informação que os participantes apresentaram, algumas recusas por não saber falar sobre o que lhe era indagado e com isso sugerirem abandonar a pesquisa, o preconceito com a homossexualidade, a convicção de que idosos não possuem uma vida sexual ativa e a convicção de pessoas LGBT's são frutos apenas da geração contemporânea, tendo como os ensinamentos religiosos e moralistas da sociedade.

Contudo, enfatiza-se que a sociedade tem se dedicado a pensar em seus idosos como pessoas necessitadas não apenas de cuidados, mas também de apoio para ressignificar a velhice, motivação para continuar vivenciando novas experiências e liberdade para realizar suas vontades sem limitações oriundas de estigmas. Logo, acredita-se que quando há uma relação saudável do idoso que ainda mantém a presença da família, de amigos ou vizinhos no processo de cuidar, estes servem como fator protetivo, com potencial de suprir tanto necessidades físicas quanto emocionais.

Reforça-se que a propagação de estudos e pesquisas científicas nesse campo é uma ferramenta para conhecer melhor o modo de vida desses indivíduos, permitindo a

expansão de informações verídicas sobre esse grupo, sem a necessidade de justificar suas escolhas e orientações seja no âmbito sexual ou pessoal, visando fortemente o bem-estar dos envolvidos. Espera-se que o presente artigo possibilite novas inquietações sobre o tema, bem como sirva de base para futuras pesquisas dentro da temática velhice LGBT.

Referências

- ALMEIDA, T. S. C. *Representações sociais de cuidadoras informais de idosos sobre qualidade de vida*. 2014. 89 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2014.
- ALMIRO, P. A. Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Aval. Psicol.*, Itatiba, v. 16, n. 3, 2017.
- ALVES, M. E. S.; RABELO, D. F., SILVA, J.; FERNANDES-ELOI, J. A sexualidade de mulheres lésbicas na velhice: discussões acerca do ageísmo, heteronormatividade e família. In: ARAÚJO, L. F.; SILVA, H. S. (Orgs.). *Envelhecimento e velhice LGBT: práticas e perspectivas biopsicossociais*. São Paulo: Alínea, 2020. p. 135-150.
- ARAÚJO, A. C. F. Rompendo o silêncio: desvelando a sexualidade em idosos. *UNILUS Ensino e Pesquisa*, v. 12, n. 29, p. 34-41, 2016.
- ARAÚJO, L. F.; CARLOS, K. P. T. Sexualidade na velhice: um estudo ou aprimoramento de LGBT. *Psicol. Conhecido. Soc.*, Montevideu, v. 8, n. 1 p. 188-205, 2018. DOI: 10.26864/pcs.v8.n1.10
- ARAÚJO, L. F.; FERNÁNDEZ-ROUCO, N. Idosos LGBT: Fatores de risco e proteção. In: FALCÃO, D. V. S. (Org.). *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar*. São Paulo: Campinas: Alínea, 2020. p. 129-138.
- ARAÚJO, L. F.; SILVA, R. J. S. Resiliência e velhice: um estudo comparativo entre idosos de diferentes classes sociais. *Psicologia em Estudo*, v. 22, n. 2, p. 141-152, 2017. DOI: 10.4025/psicoestud.v22i2.32437
- AYALA, F. J. The difference of being human: morality. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 107, n. Supplement 2, p. 9015-9022, 2010. DOI: 10.1073/pnas.0914616107
- BORGES, L. O.; BARROS, S. C.; LEITE, C. P. R. L. A. Ética na pesquisa em Psicologia: princípios, aplicações e contradições normativas. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 33, n. 1, p. 146-161, 2013. DOI: 10.1590/S1414-98932013000100012
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. *Estatuto do Idoso e dá outras providências*. Diário Oficial da União, p. 1-1, 2003.
- CAMARGO, B. V. et al. Representações sociais do envelhecimento entre diferentes gerações no Brasil e na Itália. *Revista Psicologia em Pesquisa*, v. 8, n. 2, 2014. DOI: 10.24879/201400800200233
- CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, v. 21, n. 2, p. 513-518, 2013. DOI: 10.9788/TP2013.2-16
- CARVALHO, J. G. S.; ARRUDA, A. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, v. 18, n. 41, p. 445-456, 2008.
- CASTRO, J. L. C. et al. Representações sociais do VIH/SIDA para adolescentes: Uma abordagem estrutural. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 37, n. 1, p. 15-27, mar. 2019. DOI: 10.14417/ap.1492
- CASTRO, J. L. C. *Representações sociais do envelhecimento e da qualidade de vida na velhice entre idosos ribeirinhos do nordeste brasileiro*. 2020. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Reis Velloso, 2020.
- CERQUEIRA-SANTOS, E. et al. Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas Psicol.*, Ribeirão Preto, v. 25, n. 2, p. 691-702, jun. 2017. DOI: 10.9788/TP2017.2-15
- CHONODY, J. M. et al. Attitudes toward gay men and lesbian women among heterosexual social work faculty. *Journal of Social Work Education*, v. 50, n. 1, p. 136-152, 2014. DOI: 10.1080/10437797.2014.856239
- DANIEL, F.; ANTUNES, A.; AMARAL, I. Representações sociais da velhice. *Aná. Psicológica*, Lisboa, v. 33, n. 3, p. 291-301, set. 2015.
- FERNANDES, J. S. G.; ANDRADE, M. S. Representações sociais de idosos sobre velhice. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 68, n. 2, p. 48-59, 2016.
- GAGLIETTI, M.; BARBOSA, M. Que idade tem a velhice?. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 4, n. 2, dez. 2007. DOI: 10.5335/rbceh.2012.131.
- GRUPO GAY DA BAHIA (GGB) (Org.). *Mortes violentas de LGBT no Brasil: Relatório 2017*. Salvador, 2017. Disponível em: <https://grupogaydabahia.com.br/2018/01/18/brasil-campeao-mundial-de-crimes-lgbt-fobicos/>. Acesso em: 1 jul. 2020.

- GUTHS, J. F. S. et al. Perfil sociodemográfico, aspectos familiares, percepção de saúde, capacidade funcional e depressão em idosos institucionalizados no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil. *Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 175-185, Apr. 2017. DOI: 10.1590/1981-22562017020.160058
- IBGE, I. B. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/habitacao/17270-pnad-continua.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 1 jul. 2020.
- IBGE. Instituto Brasileiro de geografia e Estatística. *Censo demográfico*, v. 2010, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em: 1 jul.2020.
- JODELET, D. A. Representação: noção transversal, ferramenta da transdisciplinaridade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 46, n. 162, p. 1258-1271, 2016. DOI: 10.1590/198053143845
- LEMOS, A. E. *Homossexualidade e velhice*: os processos de subjetividade da sexualidade em homossexuais idosos. 2015. 72 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2015.
- LOCATELLI, P. A. As representações sociais sobre a velhice na perspectiva dos usuários de uma instituição de longa permanência. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, v. 14, n. 1, 11 out. 2017. DOI: 10.5335/rbceh.v14i1.6107
- MANTOVANI, E. P. O processo de envelhecimento e sua relação com a nutrição e a atividade física. In: BOCCALETTO, E. M. A. *Diagnóstico da alimentação saudável e atividade física em escolas municipais de Vinhedo/SP*. Campinas: IPES EDITORIAL, 2007.
- MENDONÇA, A. P.; LIMA, M. E. O. Representações sociais e cognição social. *Psicologia e Saber Social*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 191-206, jul./dez. 2004.
- MORERA, J. A. C. et al. Aspectos teóricos y metodológicos de las representaciones sociales. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, 2015. DOI: 10.1590/0104-0707201500003440014
- MOSCOVICI, S. *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- NATIVIDADE, J. C.; CAMARGO, B. V. Elementos da representação social da AIDS agrupados em dimensões: uma técnica estrutural. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 28, n. 2, p. 193-196, 2012.
- NERI, A.L. *Palavras-chave em gerontologia*. Campinas: Alínea, 2008.
- OLIVEIRA, M. O conceito de representações coletivas: uma trajetória da Divisão do Trabalho às Formas Elementares. *Debates do NER*, v. 2, n. 22, p. 67-94, 2012. DOI: 10.22456/1982-8136.30352
- POCINHO, R.; BELO, P.; MELO, C.; NAVARRO-PARDO, E.; FERNÁNDEZ MUÑOZ, J. J. Relação entre o estado psicossocial do cuidador informal e o tempo de cuidado dos idosos da região centro de Portugal. *Educación y Humanismo*, v. 19, n. 32, p. 88-101, 2017. DOI: 10.17081/eduhum.19.32.2533
- QUEIROZ, M. A. C. et al. Representações sociais da sexualidade entre idosos. *Rev. Bras. Enferm.*, Brasília, v. 68, n. 4, p. 662-667. 2015. DOI: 10.1590/0034-7167.2015680413i
- REX, R. V. A relação entre moralidade e natureza humana sob uma perspectiva darwinista. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, v. 23, n. 42, p. 175-208. 2016. DOI: 10.21680/1983-2109.2016v23n42ID9805
- RIBEIRO, L. P.; ANTUNES-ROCHA, M. I. História, abordagens, métodos e perspectivas da teoria das representações sociais. *Psicol. Soc.*, Belo Horizonte, v. 28, n. 2, p. 407-409. 2016. DOI: 10.1590/1807-03102016
- SÁ, C. P. Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central. *Temas em Psicologia*, v. 4, n. 3, p. 19-33, 1996.
- SALGADO, A. G. T. A. et al. Velhice LGBT: uma análise das representações sociais entre idosos brasileiros. *Cienc. Psicol.*, Montevideo, v. 11, n. 2, p. 155-163, nov. 2017. DOI: <https://doi.org/10.22235/cp.v11i2.1487>
- SANTOS, J. V. O. et al. Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, v. 29, 2018.
- SILVA, H. S.; ARAÚJO, L. F. Velhice LGBT: apresentação de um panorama de estudos nacionais e internacionais. In: ARAÚJO, L. F.; SILVA, H. S. (Orgs.). *Envelhecimento e Velhice LGBT*: práticas e perspectivas biopsicossociais. São Paulo: Alínea, 2020. p. 15-43.
- STOTZ, K. Human nature and cognitive: developmental niche construction. *Phenomenology and the Cognitive Sciences*. v. 9, n. 4, 2010. DOI: 10.1007/s11097-010-9178-7
- VIEIRA, K. F. L.; COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. *Psicol. Cienc. Prof.*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 196-209, Mar. 2016. DOI: 10.1590/1982-3703002392013
- WACHELKE, J.; WOLTER, R. Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais.

Psic.: Teor. e Pesq., Brasília, v. 27, n. 4, p. 521-526, Dec. 2011. DOI: 10.1590/S0102-37722011000400017

WOLTER, R. P.; WACHELKE, J.; NAIFF, D. A abordagem estrutural das representações sociais e o modelo dos esquemas cognitivos de base: perspectivas teóricas e utilização empírica. *Temas Psicol.*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 3, p. 1139-1152, set. 2016. DOI: 10.9788/TP2016.3-18

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZEM-MASCARENHAS, S. H. et al. Um olhar atento sobre a prática do cuidador familiar. *Revista Mineira de Enfermagem*, v. 10, n. 2, p. 132-137, 2006.

Reimpressões e permissões

Informações sobre reimpressões e permissões estão disponíveis no site da RBCEH.

Informações da revisão por pares

A RBCEH agradece ao(s) revisor(es) anônimo(s) por sua contribuição na revisão por pares deste trabalho. Relatórios de revisores por pares estão disponíveis no site da RBCEH.

Resumo do relatório

Mais informações sobre o desenho da pesquisa estão disponíveis no site da RBCEH, vinculado a este artigo.

Conflitos de interesses

Os autores declaram não haver conflitos de interesses.

Agradecimentos

Ao Núcleo de Pesquisa e Estudos em Desenvolvimento Humano, Psicologia Escolar e Queixa Escolar (PSIQUED) vinculado ao CNPQ, cujo apoio possibilitou recursos materiais e financeiros para a realização desta pesquisa.

Correspondência

A correspondência e os pedidos de materiais devem ser endereçados a M.E.S.A. | mateusegalves@gmail.com.

Vínculo institucional

¹Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba/PI, Brasil.